



DORA: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

Vilma Vieira da Silva PASTOR (UNEMAT)¹

Resumo: A literatura funciona como mecanismo de interação com a sociedade, pois se mostra como a arte de representação e recriação da realidade, com linguagem estética e artifícios textuais próprios do estilo de cada escritor. O romance como ramificação desta arte contempla ações que são traçadas no tempo e espaço por meio de um enredo que apresenta personagens variadas, que transitam entre conflitos internos e externos. O escritor Jorge Amado se destacou no cenário literário com narrativas que expressam conflitos existentes na sociedade. Muitas vezes, quebrando tabus, apresentando perfis de indivíduos miscigenados, sensuais e marginalizados. Nesse viés, o objetivo deste trabalho é analisar a personagem Dora, presente no livro *Capitães da Areia* de Jorge Amado, a única figura feminina presente na narrativa, que passeia entre os meninos, chamados capitães. Ao longo da narrativa, a personagem Dora manifesta atitudes de força, coragem, ousadia e paixão, como elementos constitutivos da própria identidade. As personagens de *Capitães da areia* estabelecem um debate sobre a opressão, a repressão social e a luta de classes, pois são brancos, negros e mulatos, cheios de histórias e carregados de conceitos religiosos, culturais e políticos. Assim, esbarram em questões como: racismo, intolerância religiosa e preconceito em suas mais diferenciadas manifestações. É o mapa emocional do povo brasileiro.

Palavras-chave: Capitães da Areia. Jorge Amado. Dora.

Abstract: Literature functions as a mechanism for interaction with society, as it is the art of representing and recreating reality, with aesthetic language and textual artifices specific to each writer's style. The novel, as a branch of this art, contemplates actions that are traced in time and space through a plot that presents varied characters, who move between internal and external conflicts. The writer Jorge Amado stood out on the literary scene with narratives that expressed the conflicts that exist in society. Often breaking taboos, presenting profiles of mixed-race, sensual and marginalized individuals. With this in mind, the aim of this work is to analyze the character Dora, present in the book *Capitães da Areia* by Jorge Amado, the only female figure present in the narrative, who wanders among the boys, called captains. Throughout the narrative, the character Dora displays attitudes of strength, courage, daring and passion, as constitutive elements of her own identity. The characters in *Capitães da areia* establish a debate about oppression, social repression and the class struggle, because they are white, black and mulatto, full of stories and loaded with religious, cultural and political concepts. Thus, they come up against issues such as racism, religious intolerance and prejudice in its most differentiated manifestations. It is the emotional map of the Brazilian people.

Keywords: Capitães da Areia. Jorge Amado. Dora.

Introdução

¹Graduada em Letras- Português/Inglês- UNEMAT. E-mail: vilma.vieira@unemat.com.br



O objetivo deste trabalho é analisar a personagem Dora, presente no livro *Capitães da Areia* de Jorge Amado (1937), a única do sexo feminino presente na narrativa, entre os meninos, chamados capitães.

Deste modo, a motivação para esta pesquisa se deve ao fato de vivermos cada dia mais em um mundo conflituoso, preconceituoso e discriminatório acerca das múltiplas identidades dos sujeitos, sobretudo, de pessoas com menos poder aquisitivo. Assim, nos parece bastante pertinente refletir sobre tais questões, e a literatura amadiana é um bom começo para isso, uma vez que a literatura é caminho de histórias, de fatos que ocorreram na imaginação ou que foram reais e se tornaram fictícios, em forma de enredos.

Ao longo da narrativa, a personagem Dora manifesta atitudes de força, coragem, ousadia e paixão como elementos constitutivos da própria identidade.

Ainda em uma análise preliminar acreditamos que a história vivenciada por essa personagem nos aponta para um percurso evolutivo e capaz de surpreender cada vez mais o leitor.

O nosso discurso será fundamentado em uma pesquisa de cunho bibliográfico que terá como base fundamental as reflexões do teórico-crítico Antônio Cândido e a tese de doutoramento da professora doutora Márcia Elizabeti Machado de Lima, defendida em 2018, pelo Programa de Estudos Literários-PPGEL/UNEMAT. O primeiro por considerarmos a importância da humanização pela literatura e a segunda por considerarmos pertinentes as discussões sobre a personagem Dora. Além disso, trabalharemos com outros autores que apresentam aspectos relacionados à teoria da narrativa e suas inter-relações.

O trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro faz a contextualização histórica da obra apresentando dados que nos levam à reflexão do contexto em que a obra foi escrita, já no segundo capítulo destacamos alguns pontos que acreditamos serem importantes para refletir sobre a personagem Dora inserida em contextos e vivências que minimizam e/ou reforçam aspectos relacionados aos preconceitos e estereótipos que fragmentam a sua existência.

1 O autor e a obra: contextualização literária e histórica de *Capitães da Areia*

Trata-se de saber a respeito de que se quer escrever: de borboletas ou da condição dos judeus. E quando já se sabe, resta decidir como se escreverá. Muitas vezes ocorre que as duas escolhas sejam uma só, mas jamais, nos bons autores, a segunda precede à primeira [...] (Sartre).



A literatura pode ser considerada como um mecanismo de interação com a sociedade, pois se mostra como a arte de recriação da realidade, com linguagem e artifícios próprios do escritor.

O romance como ramificação desta arte contempla ações traçadas em um dado tempo e espaço, personagens variadas que transitam entre conflitos internos e externos, e enredos bastante diversificados.

Podemos afirmar que o romance pode mover no leitor, diversos sentimentos antes esquecidos e aprisionados, além disso, é um gênero literário marcado pela resistência e por discursos intrigantes e questionadores.

É nesse cenário de produção que apresentamos Jorge Leal Amado de Faria (1912 - 2001) ou apenas Jorge Amado, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Nascido no interior da Bahia, o autor ajudou a popularizar a cultura dos baianos ao redor do mundo, apresentando um Brasil mestiço e rico na diversidade da beleza geográfica e cultural.

A Bahia torna-se para Jorge Amado a fonte motivadora para a escrita de seus romances, os quais apresentam um traçado sobre a diversidade cultural do país, as críticas socioculturais e políticas que alicerçaram a sociedade brasileira, a sensualidade da figura feminina em diferentes contextos, a vida e as artimanhas do “malandro” e, sobretudo, apresenta a fusão entre a realidade e a ficção. Características que impressionam em suas obras.

Acreditamos que a melhor definição de Jorge Amado pode ser feita por ele mesmo:

Disseram certos críticos que não passo de um limitado romancista de putas e vagabundos. Creio que é verdade e orgulho-me de ser o porta-voz dos mais despossuídos de todos os despossuídos. Disseram-me também que tenho a paixão da mestiçagem, e dizem-no com raiva racista. Honro-me infinitamente de ser um romancista da nação mulata do Brasil. Creio que, querendo ofender-me, esses críticos me exaltaram e definiram (Amado, 2011, p. 15).

Desde jovem, Jorge Amado se envolveu com a vida literária e logo começou a escrever para o jornal: “Diário da Bahia” (1924). Fundou a “Academia dos Rebeldes” (1928), que era um grupo de jovens artistas literatos, que se empenhavam em renovar a literatura baiana.

Assim, por sua atuação ativa na sociedade da época, foi preso duas vezes por apresentar ideais socialistas e comunistas. Foi, também, exilado do país e permaneceu durante algum tempo nos países: Argentina, Uruguai, França e República Tcheca.

Em 1945, torna-se Deputado Federal do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Na política Jorge Amado lutou pela liberdade religiosa, sendo o autor da lei, ainda hoje em vigor, que



assegura o direito à liberdade de culto religioso; ademais, foi autor da emenda que garante os direitos autorais.

Já em 1955, afasta-se da militância política e dedica-se totalmente à literatura, sendo ocupante da cadeira 23, na Academia Brasileira de Letras, a partir de 1961. O autor falece em 2001, com 89 anos, na capital baiana.

A obra *Capitães da Areia* foi publicada pela primeira vez em 1937 e trata-se da recriação da vida de um grupo de menores abandonados, que crescem nas ruas da cidade de Salvador, capital da Bahia.

Sabendo que os elementos do romance são vestígios de acontecimentos da sociedade, estes vêm existir antes da obra, na obra e depois da obra, no trabalho do escritor, este que busca transformá-la e refleti-la, como afirma Tadié:

A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção.
(Tadié, 1992, p. 163).

Podemos afirmar que não tem como afastar-se do meio social quando falamos em literatura, pois a mesma é cercada e configurada a partir de traços sociais. Assim, *Capitães da Areia* é uma obra que trata da realidade de jovens mestiços e pobres, que nos permite a leitura crítica ao nosso sistema capitalista, que exclui e demoniza àqueles que não detêm nenhuma forma de capital. Segundo o professor, crítico e sociólogo Antônio Cândido:

A arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (1972, p.53).

Dessa forma, o potencial encontrado na sociedade, seja com suas mazelas, contrastes, encantos ou conflitos serve de estímulo para a produção literária, que, por sua vez, busca educar, não com a educação pedagógica utilizada pelos grupos dominantes, mas com a educação que abre caminhos para identificar as injustiças pregadas por este grupo. Ainda segundo Cândido,



a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] . Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear (1972. p.805).

Assim, ao concordarmos com o autor, pretendemos analisar a presença da personagem Dora no romance: *Capitães da Areia*, buscando destacar a forma estilizada que o autor encontra para quebrar tabus e apresentar por meio da identidade de Dora, personagens miscigenadas, sensualizadas e marginalizadas socialmente.

2 A década de 30

Este é tempo de partido,
Tempo de homens partidos.
Carlos Drummond de Andrade,
(1940)

Antônio Cândido no ensaio "A Revolução de 1930 e a cultura", destaca: "quem viveu nos anos 30 sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar dos outros" (Candido, 1984, p. 27). Com esse discurso o autor refere-se, principalmente, aos trabalhos fervorosos de intelectuais, artistas, e, principalmente, à produção de poetas e romancistas do período. Salientou ainda que nessa década houve consciência ideológica que refletiu em uma postura de engajamento político, religioso e social pelos intelectuais da época.

Dentro de um contexto mais geral, em relação à carreira de Jorge Amado como romancista, a crítica dividiu a produção de suas obras em dois momentos distintos. O primeiro cobre as décadas de 30, 40 e grande parte de 50, coincidindo com as fases em que o escritor foi membro do Partido Comunista.

O segundo se inaugura com *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958, que assinala uma mudança de tom, indo dos livros com preocupação de denúncia social para os romances de costumes. Corresponde ao desencantamento do autor com o stalinismo, após tomar conhecimento de aspectos dessa realidade que até então lhe eram desconhecidos (invasão da Hungria, expurgos



partidários, tortura de Artur London, intransigência e autoritarismo da burocracia etc.) (Machado, 2006, p. 23).

O romance *Capitães da Areia* faz parte do movimento “Romance de 30”, que marca uma mudança do Modernismo da década anterior, passando de experimentação literária para um engajamento com questões sociais.

Quem viveu nos anos 30 sabe qual foi a atmosfera de fervor que os caracterizou no plano da cultura, sem falar de outros. O movimento de outubro não foi um começo absoluto nem uma causa primeira e mecânica, porque na história não há dessas coisas. Mas foi um eixo e um catalisador: um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova. Neste sentido foi um marco histórico, daqueles que fazem sentir vivamente que houve um "antes" diferente de um "depois". Em grande parte porque gerou um movimento de unificação cultural, projetando na escala da nação fatos que antes ocorriam no âmbito das regiões. A este aspecto integrador é preciso juntar outro, igualmente importante: o surgimento de condições para realizar, difundir e "normalizar" uma série de aspirações, inovações, pressentimentos gerados no decênio de 1920, que tinha sido uma sementeira de grandes e inúmeras mudanças (Candido, 1987, p.181).

Assim, os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram em suas obras esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. Foi o caso de Jorge Amado que deixou bem clara suas predileções ideológicas:

Indomável partido do proletariado! E dos sábios e dos escritores! Onde iríamos nós caber, por acaso, senão dentro deste partido que é do povo? Só nas leiras poderemos fortalecer, ao contato com o proletariado e o povo, a nossa capacidade de criação artística e científica (Amado, 1946, p.11).

O Brasil dos anos 1930 fervilhava em tensões políticas, e o comunismo era um dos fatores que desencadeava essas tensões. Após a chamada Intentona Comunista, tentativa de levante liderada pelo capitão do Exército Luís Carlos Prestes em 1935, o governo passou a perseguir não apenas membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), como intelectuais associados (corretamente ou não) à ideologia de Moscou.

Dessa forma, essa perseguição resultou na incineração de 808 exemplares do livro *Capitães da Areia*, pelo Estado Novo. Segundo a ata de incineração transcrita do jornal Estado da Bahia, de 17-12-37:



Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luís Liguori Teixeira, segundo-tenente intendente naval Hécio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de *Capitães da areia*, 223 exemplares de *Mar morto*, 89 exemplares de *Cacau*, 93 exemplares de *Suor*, 267 exemplares de *Jubiabá*, 214 exemplares de *País do carnaval*, 15 exemplares de *Doidinho*, 26 exemplares de *Pureza*, 13 exemplares de *Bangüê*, 4 exemplares de *Moleque Ricardo*, 14 exemplares de *Menino de Engenho*, 23 exemplares de *Educação para a democracia*, 6 exemplares de *Ídolos tombados*, 2 exemplares de *Idéias, homens e fatos*, 25 exemplares de *Dr. Geraldo*, 4 exemplares de *Nacional socialismo germano*, 1 exemplar de *Miséria através da polícia*.

A repressão a Amado não era gratuita. Desde o começo da década, o autor vinha se notabilizando pela contestação em livros como *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e *Capitães da areia*, em 1937. Os dois primeiros, referências explícitas ao mundo do trabalho; os dois últimos, à marginalidade social urbana.

Segundo Garcia (1982, p. 23), o Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, foi o regime político brasileiro instaurado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 31 de janeiro de 1946. Era caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo. É parte do período da história do Brasil conhecido como Era Vargas.

Capitães da Areia traz consigo uma crítica mordaz à desigualdade, que transformava meninos de rua em heróis, em vez de tratá-los como delinquentes e malandros. Além disso, o livro foi escrito por um autor filiado ao PCB - e que foi preso duas vezes por conta de sua militância.

Ao lado disso, o romance amadiano projeta a história dos oprimidos: parte firme para a denúncia das mazelas do nascente capitalismo brasileiro, ao mesmo tempo em que pratica a elevação dignificadora dos seres subalternizados pela exploração econômica e reduzidos a pouco mais que bichos (selvagens ou domésticos), pelos preconceitos de classe ou de cor.

3 Dora: a personificação do feminino

A construção das personagens é feita a partir de suas vidas, de seus conflitos, de suas ações, da forma como se relacionam entre si e com o entorno social, vão entrelaçando-se numa história maior, a história do grupo que tem como valor mais alto a lealdade aos companheiros que cuidam uns dos outros, que



se defendem em qualquer circunstância, que vão ensinando, aprendendo e formando cada qual a sua personalidade, mesmo com identidades semelhantes (Márcia E. M. de Lima).

A literatura como arte social encanta com seus artifícios linguísticos e críticos, as personagens que nela se apresentam retratam vidas rústicas ou sofisticadas, mostram culturas regionais, problemas sociais, entre outros atributos.

As personagens de *Capitães da Areia* estabelecem um debate sobre a opressão, a repressão social e a luta de classes. São brancos, negros e mulatos, personagens cheios de histórias e com vários conceitos religiosos, culturais e políticos. Entretanto, e apesar disso, se esbarram em questões como: racismo, intolerância religiosa e preconceito, em suas mais diferenciadas manifestações. É o mapa emocional do povo brasileiro.

Quanto à construção das personagens, o próprio Jorge Amado declarou em entrevista, que as pessoas se encontram muito facilmente nos meus livros, porque nenhum dos personagens foram inventados por mim é gente que eu conheci.

Também nessa perspectiva, Antônio Candido, afirma que “a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo [...] deve lembrar um ser vivo, ela não é pessoa viva, mas nasce dela” (Candido, 2002, p.64). Amado soube elaborar esses atributos em suas produções. As personagens amadianas, na grande maioria, são inconformadas com as diferenças sociais e morais, existentes na sociedade.

Os protagonistas de *Capitães da Areia* eram moradores de um trapiche (armazém ou depósito de mercadorias de embarque ou desembarque, em portos) abandonado, na zona do areal, os meninos eram invisíveis aos olhos da sociedade enquanto viviam de biscates, jogavam capoeira ou pediam esmolas aos frequentadores das feiras livres e dos mercados. Assim, ao roubarem alguém ou alguma casa, o corpo policial era acionado, iniciando a luta para “reformá-los” em uma instituição chamada de Reformatório, onde os meninos podiam respirar “paz e trabalho” e serem “tratados com o maior carinho”, como escreveu o diretor do Reformatório de Menores da época, no *Jornal da Tarde* (Amado, 1997, p. 9). Este mesmo jornal denominou os Capitães da Areia como:

Crianças ladronas [...], grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe (...), bando de rapina (...), crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa (1997, p. 3).

Já o romancista, pela voz do narrador dá-lhes status de poetas, de capitães: “vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de ci-



garro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (Amado, 1997, p.21). Pedro Bala, o líder, com “o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa” (Amado, 1997, p. 21).

Acreditamos que a forma lírica de tratar *os ninguéns* é, sobretudo, a forma inovadora que a arte e/ou a literatura e/ou Jorge Amado encontrou para denotar uma classe de pessoas marginalizadas pelos documentos oficiais é, talvez, uma maneira redentora da literatura de se redimir da crueldade e injustiça às quais esses seres humanos são subjugados. Ou seja, o contexto literário permite-nos ultrapassar as linhas da razão e caminhar pelas linhas da existência.

É no capítulo “Filha de Bexiguento”, que adentra à narrativa a figura feminina, pois, até então, o grupo de capitães era composto, apenas, por meninos. O nome do capítulo se dá em referência à personagem Dora, que entra na trama, encontrada na rua por alguns dos capitães. Ao saberem que ela e o irmão, de apenas seis anos, haviam ficado órfãos, estes a convidam para morar com eles, no trapiche. A orfandade dos dois se deu em decorrência de uma epidemia de bexiga, chamada de Alastrim, que intitula um dos capítulos da obra, trata-se da varíola que assola a cidade da Bahia, nessa época. Dora e o pequeno irmão caminhavam à deriva, nas ruas, a procura de emprego e alimento, batiam de porta em porta das antigas patroas da mãe lavadeira que morrera, mas ao saber que a bexiga foi quem levou a sua mãe, ninguém a empregava.

E enquanto os vizinhos discutiam os problemas dos órfãos, Dora tomou o irmão pela mão e desceu para a cidade. Não se despediu de ninguém, era como uma fuga. Zé Fuinha ia sem saber para onde, arrastado pela irmã. Dora marchava tranquila. Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjará um emprego de copeira numa casa [...] (Amado, 1997, p. 158).

A menina com idade de 13 ou 14 anos é descrita no romance como “olhos grandes, cabelo muito loiro” (Amado, 1997, p. 159), e os “seios já haviam começado a surgir sob o vestido” (Amado, 1997, p. 157).

Observamos que Jorge Amado não deixa passar despercebida a sensualidade da mulher já na fase de puberdade, período em que o corpo sofre alterações e, portanto, decorre daí diversos conflitos e questionamentos pessoais, existenciais.

Após o insucesso com a busca de emprego e lar, Dora conhece João Grande e Professor que lhes oferecem abrigo. Inicialmente, Dora desperta a libido dos meninos que viviam naquele local:



entraram no trapiche meio desconfiados. João Grande arriou Zé Fuinha no chão, ficou parado, esperando que o Professor e Dora entrassem. Foram todos para o canto do Professor, que acendeu a vela [...] Professor se adiantou: – Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pai e a mãe... Boa-Vida riu um riso largo. Empinou o corpo: – É um peixão... Sem-Pernas riu seu riso burlão, apontou os outros: – Tá tudo como urubu em cima da carniça... Dora se chegou para junto de Zé Fuinha, que acordara e tremia de medo. Uma voz disse entre os meninos: – Professor, tu tá pensando que a comida é só pra tu e pra João Grande? Deixa pra nós também [...] (Amado, 2009, p. 170).

Houve briga entre eles para ter relações sexuais com Dora, mas tanto o Professor, já encantado pela menina, quanto João Grande a defenderam. Bala chega e diz que ela não pode ficar. A chegada de Dora ao trapiche foi conflituosa, uns a receberam com receio por ser menina, outros tentaram avançar excitados, como se Dora fosse uma presa fácil a qual devorariam. Pirulito, inclusive, por ser religioso e ter o anseio de ser Padre, vê a menina como a própria Eva:

olhava Dora com receio: a mulher era o pecado. Em verdade ela era apenas uma criança, uma criança abandonada como eles. Não ria como as negrinhas do areal um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era sério, parecia o rosto de uma mulherzinha muito digna. Mas os pequenos seios que nasciam se empinavam no vestido, o pedaço de coxa que aparecia era branco e redondo (Amado, 2009, p. 180).

O fragmento acima nos impulsiona a pensar na figura da mulher enquanto objeto de consumo. Quando falamos de objetificação do corpo feminino estamos nos referindo à banalização da imagem da mulher, ou seja: a aparência das mulheres importa mais do que todos os outros aspectos que as definem enquanto indivíduos.

Dessa forma, em um primeiro momento Dora foi concebida apenas como objeto de desejo para aqueles meninos. Após tudo resolvido,

Dora vai curar as feridas que fizeram um ao outro na luta que travaram por sua causa, não cuidou somente dos que a defendiam, mas a todos, despertando em alguns o sentimento de filho, em outros de irmão. Conformando-se a ação ao significado do nome: Dora, de origem grega, vem de dôron que significa dádiva, presente, com instinto maternal, ganha a simpatia de todos e começa a mostrar a complexidade da personagem em ação (Lima, 2018, p. 81).

Em dado momento, os meninos se acalmam e passam a enxergar Dora não mais como objeto sexual e sim com um olhar maternal, cheio de doçura e encanto. A mão dela (unhas maltratadas e sujas, roídas a dente) não queria excitar, nem arrepiar. Passava como a mão de



uma mãe que remendava as camisas de um filho (Amado, 1997, p. 169), aos poucos vai sendo aceita no universo masculino.

Nesse trecho do romance Dora costura a camisa de Gato a pedido dele. As mãos dela num primeiro momento lembram as mãos da amante do Gato e provocam um arrepio de excitação, mas terminam como um carinho maternal que relembram a mãe falecida de Gato.

Passam-se os dias e a menina começa a representar, no imaginário dos meninos, um elo maternal e familiar, de aconchego e proteção, como quando todos estão reunidos, em uma noite chuvosa, para ouvir as histórias que o Professor contava: “olhavam o rosto sério de Dora, rosto de quase uma mulherzinha que os fitava com carinho de mãe (...) a olharam com amor. Como crianças olham a mãe muito amada” (1997, p. 171).

Dessa forma, aos poucos Dora vai assumindo diversos papéis perante o grupo: ora mãe, ora esposa, ou apenas companheira de luta:

Fazendo papel de irmã para uns, de mãe para outros e de noiva para o chefe Pedro Bala. Assume as mesmas funções, as mesmas dores e alegrias do grupo, saindo do que poderia ser a zona de conforto por ser do sexo feminino, se aceitasse ser protegida como tal. A sua relação com os meninos e, especificamente, a relação amorosa com Pedro Bala rende passagens líricas tocantes e dá leveza à trama [...]

Seguem-se passagens pictóricas pelas imagens que se possibilita ao leitor construir. Dora passa a remendar os rasgos das roupas dos Capitães, mesmo vestidos, o tocar dos dedos da menina em seus corpos, na ação de coser, desperta sentimento de felicidade e não de desejo (Lima, 2018, p.45-46 e 81).

Após todo o ritual de aceitação da nova integrante do grupo, Dora passa por um processo de evolução enquanto personagem. A menina decide se vestir como menino, aprende a manusear a navalha, lutar capoeira e começa a roubar como os meninos de seu grupo. Tudo isso sem perder a feminilidade, mas deixando de lado a posição de menina fragilizada e amedrontada de quando entra na trama:

Como o vestido dificultava seus movimentos e como ela queria ser totalmente um dos Capitães da Areia, o trocou por umas calças que deram a Barandão numa casa da Cidade Alta. As calças tinham ficado enormes para o negrinho, ele então as ofereceu a Dora. Também estavam grandes para ela, teve que as cortar nas pernas para que dessem. Amarrou com cordão, seguindo o exemplo de todos, o vestido servia como blusa. Se não fosse a cabeleira loira e os seios nascentes, todos a poderiam tomar como um menino, um dos Capitães da Areia (Amado, 2016, p. 183).



Esta passagem nos permite refletir sobre como Dora foi um referencial feminino de mãe, irmã, namorada e mulher. Podemos notar que a personagem ao longo do romance assume outros papéis, à medida que vai evoluindo a narrativa,

da convivência e aprendizado com os Capitães brota a semente de luta que já trazia dentro de si. Não era suficiente para ela o papel de mãe e irmã dos meninos, ela quer mais. Quer irmanar-se em igualdade na ação que os mesmos praticavam. Não queria esperar passivamente no trapiche o bocado que traziam para alimentar a ela e ao irmãozinho (Lima, 2018, 83).

Ao tomar a decisão de se vestir como menino, Dora se porta de maneira totalmente segura, vestindo-se a seu próprio gosto e menosprezando o julgamento com que poderia se deparar pelo modo de se vestir.

No dia em que, vestida como um garoto, ela apareceu na frente de Pedro Bala, o menino começou a rir. Chegou a se enrolar no chão de tanto rir. Por fim conseguiu dizer: – Tu tá gozada... Ela ficou triste, Pedro Bala parou de rir. – Não tá direito que vocês me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que vocês fizer. O assombro dele não teve limites: – Tu quer dizer... Ela o olhava calma, esperando que ele concluísse a frase ... que vai andar com a gente pela rua, batendo coisas... --- Isso mesmo sua voz estava cheia de resolução. --- Tu endoidou... --- Não sei por quê. --- Tu não tá vendo que tu não pode? Que isso não é coisa pra menina. Isso é coisa pra homem. --- Como se vocês fosse tudo uns homem. [...] É tudo uns menino (Amado, 2016, p. 183).

Nesta passagem, Pedro Bala estranha o modo de vestir de Dora, e ela como resposta se reafirma como mulher emancipada, detentora de força e coragem para se defender, assim contrapondo a imagem de mulher submissa e frágil. Afinal, “vale ressaltar, culturalmente, a aparência define o gênero, assim dá-se início à transformação de Dora. Ela busca facilitar a aceitação e os movimentos na empreitada que pretendia iniciar junto aos Capitães, a identificar-se com eles, não ser apenas protegida, mas protegerem-se” (LIMA, 2018, p. 83). Ela chega a ser comparada aos meninos, de certa forma supera muitos deles quanto à agilidade e destreza.

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, a pongoar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. [...] Dizia o professor: – Era valente como um homem... (Amado, 1997, p. 178 e 179).

Em outro momento da trama, os Capitães estão prestes a entrar em confronto com outro grupo de meninos abandonados para vingar a covardia feita a Pedro Bala, que havia sido



atacado pelo grupo rival numa ocasião em que estivera sozinho. Nessa situação, Dora demonstra, mais uma vez, sua valentia:

Os Capitães formaram um plano de batalha. [...] Dora foi junto a Pedro Bala e levava uma navalha também. Sem-Pernas disse: – Até parece Rosa Palmeirão. Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo marítimo sabe o seu abc no cais da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri: – Obrigado, mano (Amado, 1997, p. 188).

Notemos que a referência à Rosa Palmeirão, personagem de outra obra de Amado, se constitui em intratextualidade, diálogo com a sua própria criação, por ser Palmeirão, também representativa da força feminina. “O que nos remete à força das personagens femininas dos romances de 1930, a exemplo de “Maria Moura e Conceição”, de Raquel de Queiroz; de “Sinhá Vitória”, de Graciliano Ramos e tantas outras” (LIMA, 2018, p.84).

Assim, destacamos que Jorge Amado ultrapassa o meramente explícito pela análise convencional de suas obras que demarca, muitas vezes, as personagens femininas reconhecidas, apenas pela sensualidade.

Totalmente entrosada com o grupo, Dora passa a ser admirada e respeitada por seus colegas, agora como irmãos. Verificamos que ela é uma personagem ativa nas ações do grupo. Neste trecho podemos mais uma vez verificar a sua bravura:

Amavam o heroísmo. Volta Seca espiou Dora. Os olhos dela brilhavam, ela amava o heroísmo também. Isso agradou ao sertanejo. Depois o marinheiro James sustentou uma luta feroz. Volta Seca assoviou como um passarinho de tanto contentamento. Dora riu também, satisfeita (Amado, 2009, p. 177).

Durante o romance, a personagem Dora desperta o amor de Professor e de Pedro Bala, mas é por Bala, líder do grupo, que Dora se apaixona. O Professor, chamado assim porque era alfabetizado e leitor de narrativas, guarda para si, em silêncio, a quase adoração que nutria por Dora, em respeito ao chefe Bala.

Para Pedro Bala Dora significou o amor verdadeiro, a noiva e a esposa. Ela contribuiu para o crescimento intelectual e amadurecimento pessoal do líder. “É a partir dessa descoberta, que Pedro Bala começa a entender que, muito além da violência, há outras formas de demonstrar suas insatisfações com a sociedade, ou de ajudar os seus amigos e companheiros” (Diniz, 2009, p. 10).

Em uma briga com o grupo marginal inimigo, Dora e Pedro são pegos. Ele vai para o reformatório; ela, para o orfanato, onde tentam inculcar-lhe as boas maneiras de uma moça.



Quando Bala foge, ele vai buscá-la. Dora está na enfermaria com febre, resultante dos maus tratos e da privação da liberdade, vai com os meninos, em fuga.

UM MÊS DE ORFANATO BASTOU PARA MATAR A ALEGRIA E A SAÚDE DE DORA. Nasceria no morro, infância em correria no morro. Depois a liberdade das ruas da cidade, a vida dos Capitães da Areia. Não era uma flor de estufa. Amara o sol, a rua, a liberdade [...] era sempre crepúsculo, como uma ante-sala do túmulo, com as pesadas cortinas que impediam a luz de entrar (Amado, 1997, p. 206, grifos do autor).

À noite, no trapiche, a mãe-de-santo Don'aninha lhe faz uma reza de cura, no curto capítulo "Noite de Grande Paz". Destacamos que:

A paz da noite da Bahia não está no coração dos Capitães da Areia. Tremem com receio de perder Dora. Mas a grande paz da noite está nos olhos dela. Olhos que se fecham docemente, enquanto a mãe-de-santo Aninha enxota a febre que a devora (Amado, 1997, p.208).

Mesmo assim, ela se entrega a Pedro, em uma cena poética, no capítulo "Dora, Esposa", e amanhece sem vida:

Ela parecia não sentir a dor da posse. Seu rosto acendido pela febre se enche de alegria. Agora a paz é só da noite, com Dora está a alegria. Os corpos se desunem. Dora murmura: – É bom... Sou tua mulher. Ele a beija. A paz voltou ao rosto dela. Fita Pedro Bala com amor. – Agora vou dormir – diz. Deita ao lado dela, segura sua mão ardente. Esposa. A paz da noite envolve os esposos. O amor é sempre doce e bom, mesmo quando a morte está próxima. Os corpos não se balançam mais no ritmo do amor. Mas no coração dos dois meninos não há mais nenhum medo. Somente paz, a paz da noite da Bahia. (1997, p. 210).

Em uma cena imagética, Pedro Bala constata, na madrugada, que Dora já não vive:

põe a mão na testa de Dora. Fria. Não tem mais pulso, o coração não bate mais. O seu grito atravessa o trapiche, desperta os meninos. João Grande a olha de olhos abertos. [...] Pirulito entra com o padre José Pedro. O padre pega no pulso de Dora, bota a mão na testa: Está morta. Inicia uma oração. E quase todos rezam em voz alta. —Padre nosso que estais no céu... (Amado, 1937, p. 210, grifos do autor).

Pedro Bala e os demais membros do grupo seguem aflitos, sem entender a desgraça que acabara de acontecer, logo surge outro problema, o que fazer com o corpo de Dora, já que ali era um esconderijo, portanto não poderia sair um funeral à luz do dia, não poderiam chamar a atenção com nenhum movimento. Decidem, então, que o Querido-de-Deus, o capoeiris-



ta que não faz parte do bando, mas compactua com as ações dos Capitães e tinha um saveiro, levaria o corpo e o jogaria ao mar.

O padre por sua vez, reluta com a ideia, pois acreditava que isso seria um grande pecado. Mas logo ele se conforma e a cena que prossegue pode ser considerada como uma das mais tocantes do romance.

D'Aninha [...] envolve o corpo de Dora numa toalha branca de rendas, — Vai para Yemanjá — diz. — Ela também vira santo.... Mas o difícil é Bala deixar que levem o corpo, é preciso o Professor intervir: — Deixa. Eu também gostava dela. Agora... (Amado, 1997, p. 212).

Professor nutriu ao longo do romance um amor muito forte por Dora, mas sabendo que ela correspondia o amor de Pedro Bala nunca se pronunciou sobre o assunto. Sofreu calado!

Levam-na para a paz da noite, para o mistério do mar. O padre reza, é uma estranha procissão que se dirige na noite para o saveiro do Querido-de-Deus. Do areal, Pedro Bala vê o saveiro que se afasta. Morde as mãos, estende os braços. Voltam para o trapiche. A vela branca do saveiro se perde no mar. Há uma paz na noite. Paz que veio dos olhos de Dora (Amado, 1997, p. 213).

Pedro Bala nada atrás do saveiro que leva o corpo da amada,

Vê Dora em sua frente, Dora, sua esposa, os braços estendidos para ele. Nada até já não ter mais forças. Bóia então, os olhos voltados para as estrelas e a grande lua amarela do céu. Que importa morrer quando se vai em busca da amada, quando o amor nos espera (Amado, 1997, p. 213-214).

Logo, ocorre uma quebra de expectativa, Pedro Bala não morre por amor, “A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio também a paz da noite. Porque agora sabe que ela brilhará para ele entre mil estrelas no céu da cidade negra. O saveiro do Querido-de-Deus o recolhe” (Amado, 1997, p. 214). Dessa forma, Pedro Bala se reinventa e se transforma. Se antes tínhamos um personagem que só entendia o amor como sexo, ao transar sem nenhum envolvimento emocional com as “negrinhas no areal”, agora Pedro Bala entende o amor como algo sublime.

A função de Dora no romance está ligada, portanto, ao amadurecimento do herói, ou seja, a menina colabora para que Pedro Bala possa descobrir o amor, não mais como uma violência, mas como entrega afetiva ao próximo. É a partir dessa descoberta, quando passa a ter a estrela-Dora como guia que



ele começa a participar ativamente de movimentos grevistas [...] (Gomes, 1994, p. 34).

Após a morte de Dora, os Capitães da Areia se desmembram e cada qual segue um rumo diferente. Por sua vez, a nossa personagem vira uma estrela imaculada, “no Cais da Bahia se conta que muitos negros valentes depois de mortos viraram estrelas, mas nunca uma mulher, Dora será a primeira” (Amado, 1997, Apud Lima, 2018, p. 94). Assim, há uma hibridizade entre o discurso literário e científico, o que denota a qualidade do estilo de Amado:

Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou pela Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rita Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma noite de paz da Bahia. (Amado, 1997, p. 214).

Entendemos que o papel de Dora no romance, é muito mais que simples presença feminina no enredo, com as funções, por nós já comentadas. Acreditamos que a personagem esteja ligada, principalmente, ao crescimento intelectual e amadurecimento pessoal do herói. Ela colabora para que Pedro Bala possa descobrir o amor como um sentimento verdadeiro, como entregar-se ao outro com afeto, e não apenas como o ato sexual cheio de furor, apenas pelo desejo carnal, tal qual era imaginado pelos meninos do grupo.

A partir da descoberta do amor, Pedro Bala começa a entender que, muito além da violência, há outras formas de demonstrar suas insatisfações com a sociedade, e/ou que há, também, outras maneiras de ajudar os seus amigos e companheiros a vencer as injustiças a que estavam expostos.

Assim, após a morte da amada, inicia-se a sua participação, de forma ativa, nos movimentos sindicais, também como forma de dar continuidade à luta iniciada por seu pai, sem contar toda a poeticidade e leveza que as ações de Dora e das demais personagens em torno dela, carregam para a narrativa.

Considerações Finais

Este trabalho se propôs a compreender a configuração estética da personagem Dora na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

Comprendemos que as identidades dos sujeitos sociais são reconhecidas nas interações destes com o meio em que estão inseridos, os sujeitos são agentes de modificação do espaço em que ocupam. Na obra amadiana *Capitães da Areia* verificamos ações modificadoras



de vários sujeitos, cada um com seu perfil identitário que também é encontrado na vida real, mostrando, dessa forma a ficção não se distancia do mundo.

No caso de Dora, identificamos uma personagem corajosa e ousada, que diante das dificuldades passa a enfrentar seus medos para alcançar a superação, assumindo seu lugar na narrativa, conquistando o status de heroína e demonstrando a partir de ações as rupturas que a figura feminina enfrenta para conquistar o seu espaço no mundo.

O romance, assim, torna-se um canal de interação com os aspectos socioculturais e políticos, numa abordagem de mistura de grupos, aproximação de etnias e conflitos de valores, um trabalho literário que produz um espaço para reflexão do ser humano, dos sentimentos destes e sobre as formas com as quais ele busca solucionar problemas e conflitos.

A personagem Dora (menina-mulher) constitui-se como importante figura feminina a ser considerada, pois, como exposto na obra, mostrou-se uma mulher (ainda que em formação) que não se deixou dominar pelas personagens masculinas, nem pelo próprio líder do grupo, Pedro Bala, mesmo sendo apaixonada por ele, não se curvou. Além disso, em todos os momentos da trama, a personagem manifestou coragem e autonomia junto aos outros integrantes do grupo.

Assim, esperamos que este trabalho constitua-se como instrumento de reflexão sobre a importância das personagens criadas por Jorge Amado, em especial, as personagens femininas, ilustrada, aqui, por Dora.

Referências

- LIMA, Márcia Elizabeti Machado De. **Capitães da Areia e Cinco Balas contra a América: Escritura, Transgressão e Militância em Narrativas Engajadas**. 2018. 180. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-Graduação Strictu Sensu (Doutorado) Estudos Literários, PPGEL: Tangará da Serra, 2018.
- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 90ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1984
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- EHRENBURG, Ilya. **O Romancista Jorge Amado**. In: MARTINS, José de Barros (Org.). Jorge Amado: 30 Anos de Literatura. São Paulo: Martins, 1961.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo : Ática, 2006.



CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, 5a edição.

BASTIDE, Roger. **Sobre o romancista Jorge Amado**. in: Jorge Amado: povo e terra: 40anos de literatura. São Paulo: Martins, 1972.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**; co-direção Eduardo de Faria Coutinho; Vol.1; Ed. 7ª, São Paulo: Global, 2004.

GARCIA, Nelson Jahr, **Estado Novo - Ideologia e propaganda política**, São Paulo, Loyola, 1982.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Roteiro de leitura: Capitães da areia de Jorge Amado**. São Paulo: Ática, 1996.

